

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

Hoje Amapá

Class.:

Waiapi 53

Data

02/09/93

Pg.:

A casa da Mãe Joana

Apolonildo Brito

O desmentido dos Waiapi sobre a presença garimpeira na Reserva Indígena trouxe à tona um problema que há muito vem preocupando os órgãos de segurança do País: a presença de estrangeiros entre os índios. O bojo da matéria especial do geólogo José Armindo Pinto, publicada no Hoje Amapá, pinçou o nome de Dominique Gallois e apresentou uma equipe de cinematográfica no local, que, por sua vez, atraíram a atenção da prefeita de Amapari, Socorro Peláes. A prefeita abriu o verbo e botou pingos nos "is" com um ralo-x da antropóloga belga, também publicada em primeira-mão no nosso jornal.

A extração irregular de ouro na reserva indígena dos Waiapi, denunciada por Socorro Peláes, teve repercussão no Congresso Nacional e no Ministério da Justiça. O deputado federal amapaense Eraldo Trindade, relator da CPI dos Minérios, por exemplo, que juntamente com outros parlamentares, apresentou uma emenda estabelecendo a obrigatoriedade da demarcação das terras indígenas até 6 de outubro, prazo inicial para a revisão constitucional, mostra-se agora preocupado com o alcance da medida. Em recente declaração no Congresso, Eraldo Trindade informou de sua disposição em rever o parágrafo 7 do Artigo 231, que impede a atividade de cooperativas garimpeiras nas áreas indígenas.

O deputado, alertado pelo nosso jornal que trouxe a denúncia da prefeita Socorro Peláes, deseja evitar a evasão das riquezas do subsolo brasileiro, tornando obrigatória a fiscalização do Estado onde estejam situadas as reservas indígenas. Isso leva a crer, que com a descoberta da armação perpetrada contra os garimpeiros amapaen-

ses, começa a se reverter o terrível conceito fabricado para este-reotipar o garimpeiro como "invasor de terras e matador de índios". Hoje, a preocupação é outra e recaí sobre a presença atividade estrangeira nas reservas indígenas sob o manto do ambientalismo humanitário. Aliás, vale lembrar, a história registra, que a Gestapo mantinha espiões alemães infiltrados entre os religiosos que atuavam na Amazônia, principalmente nas "missões" indígenas, fato que também pode ser comprovado pelos relatórios das Forças Aliadas.

Como se vê, a história parece se repetir. Ou pelo menos, o caso de estrangeiros entre os índios, revela que viramos a "casa da mãe Joana". Para se ter uma idéia, em 1988, uma equipe de estrangeiros, sob o comando de um alemão (que se dizia da Polícia de Frankfurt), visitaram a área do Aracá, no Médio rio Negro (Amazonas), para investigar a morte de turistas por Tatunka Nara - um pseudo-índio que vislumbrou o mundo com uma "cidade de pérola" fincada no interior de pirâmides, no meio da selva amazônica. O Chefe do Posto da Funai na cidade de Barcelos (AM), João Silvério Dias, o João Mineiro, sabia da presença desse grupo que entrou na região sem acompanhamento de autoridades brasileiras, mas nada fez para impedir. Se fossem garimpeiros, ele certamente abria a boca no trombone e acionaria até a Suat. Mas estrangeiro é gente fina, garimpeiro não, pensa a Funai.

Uma coisa é certa, casos como de Dominique Gallois, se estivesse sob a vigilância do Poder Estadual, não poderia ter acontecido, nem os Waiapi seriam esbulhados com bugigangas a troco de ouro amapaense.